

ISSN: 1983-8379

Para uma política da animalidade

Angela Guida¹

RESUMO: O presente ensaio tem por objetivo estabelecer uma reflexão acerca das relações de alteridade do animal humano e não humano, a partir da leitura de produções literárias de autores brasileiros e filósofos contemporâneos, tendo como referente a questão da política e sua relação com o Outro.

Palavras-chave: Alteridade; política; humano; animal.

ABSTRACT: The present essay aims to establish a reflection on the alterity relations of the human animal and nonhuman animal, from the reading of literary productions of Brazilian authors and contemporary philosophers, using as reference the issue of politics and its relations with the Other.

Key-words: Alterity; politics; human; animal.

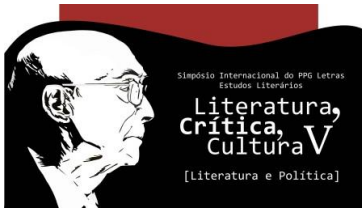
O conflito político decisivo que governa qualquer outro conflito, é, em nossa cultura, o que existe entre a animalidade e a humanidade do homem. A política ocidental é, assim, pois, ao mesmo tempo e desde a origem biopolítica (AGAMBEN, 2005, p. 102).

O novo campo de estudos denominado – *Animal Studies*² – tem se revelado como uma importante via para se pensar a questão do humano e do não humano e, por conseguinte, para igualmente se pensar questões de literatura e de outros saberes, uma vez que a referida linha de pensamento se perfaz num espaço híbrido e de entrecruzamento de diferentes campos do conhecimento, a saber, biopolítica, etologia, bioética, filosofia, biologia, ecologia e antropologia.

De início, quando se pensa na questão do animal, é frequente a tentativa de estabelecer uma linha comparativista entre viventes humanos e não humanos. Montaigne, no ensaio “Apologia de Raymond Sebond” oferece um minucioso estudo dentro dessa perspectiva. O filósofo ressalta que, ao contrário do que se imagina, há mais semelhanças que dessemelhanças entre viventes humanos e não humanos e que as diferenças seriam maiores entre os próprios humanos. “Há maior diferença entre um homem e outro do que entre um

¹ Docente da Fundação Educacional São José de Ensino Superior – Santos Dumont – MG, pesquisadora de estágio de residência pós-doutoral da UFMG.

² Este campo de pesquisa tem encontrado bastante ressonância na Europa e Estados Unidos. No Brasil, a UFMG tem proporcionado um diálogo bastante produtivo, por meio de publicações e eventos, como o Colóquio internacional “Animais, animalidade e os limites do humano”, realizado em maio de 2011, como parte do calendário dos eventos, denominados de *pré-conferência* realizados por diversos países para a grande conferência sobre o tema – “Minding Animals” – em julho de 2012 na Holanda.

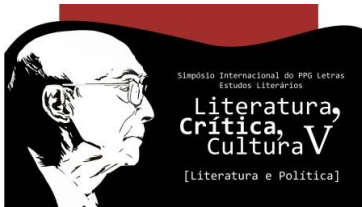


ISSN: 1983-8379

dado animal e o homem (MONTAIGNE, 2000, p. 392).” Darwin com sua teoria evolucionista igualmente nos apresenta estudos que caminham pela via comparativa entre os sentimentos e emoções de animais humanos e não humanos: “Mesmo o homem não consegue exprimir com sinais externos amor e humildade tão claramente quanto um cachorro (DARWIN, 2009, p. 18).” Descartes afirma que a diferença entre homem e animal dar-se-ia pela consciência, linguagem e alma, presentes naquele e ausentes neste. Já para Marx a diferença estaria no fato de só o homem conseguir produzir sua vida material, seus meios de sobrevivência. E não nos esqueçamos da primeira grande obra com autoridade científica sobre a questão do animal – *A história dos animais* – de Aristóteles, que também persegue a linha comparativista. No entanto há estudiosos que caminham na contramão do comparativismo, como é o caso de Jacques Derrida. Para o filósofo, pensar a questão do humano e do não humano à margem do pensamento centrista ocidental só se torna viável e universalizável pelo não apagamento das diferenças, o que assinala a identidade e subjetividade de cada ser vivente

O que o motivo da *différance* tem de universalizável em vista das diferenças é que ele permite pensar o processo de diferenciação para além de qualquer espécie de limites: quer se trate de limites culturais, nacionais linguísticos ou mesmo humanos. Existe a *différance* desde que exista traço vivo, uma relação vida/morte ou presença/ausência. Isso se atuou muito cedo para mim, à imensa problemática da animalidade (DERRIDA, 2004, p. 33).

O diálogo com a questão da animalidade não é um privilégio do nosso tempo. Há muito que o animal não humano encontra-se presente, sobretudo, na literatura e na filosofia. Quem não se recorda, por exemplo, do difícil retorno de Ulisses para casa depois de dez anos de ausência no texto de Homero? Sob o disfarce de um velho mendigo, Ulisses não é reconhecido, de imediato, nem por sua amada Penélope. No entanto, sua identidade não se esconde diante dos olhos de seu cão, ainda um filhote, quando Ulisses partiu. Argos, o cão, o reconhece. O que pensar dessa identidade que é revelada pelos olhos do animal? Vladimir Saflate, professor da USP, questiona se “haveria algo em nós que só é reconhecido através dos olhos de um animal (SAFLATE, 2011, p. 1)?” Em *O animal que logo sou*, Derrida também interroga sua animalidade/humanidade pela via do olhar do animal: “Frequentemente me pergunto, para ver quem sou eu – e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal (2002, p. 15).” Olhar e alteridade, um binômio que



ISSN: 1983-8379

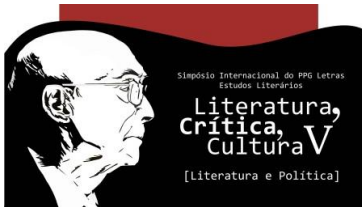
garantiria nossa identidade? Merleau-Ponty, poeticamente diz: “Tomo-me emprestado de outros (MERLEAU-PONTY, *apud*, EAGLETON, 2005, p. 286).” Quais seriam as implicações do tomar-se emprestado do radicalmente outro, isto é, do animal não humano? Esse ver-se pelo olhar do animal seria um indício de que o estatuto do humano estaria em crise? Um indício de que o humano se perdeu de sua humanidade? E o que representaria a humanidade no humano? Para o etólogo e filósofo, Dominique Lestel, o homem nunca viveu um período tão intenso de crise no que concerne ao seu estatuto de vivente humano.

O homem defronta-se com a maior crise de identidade da sua história. Ele alcançou um conhecimento excepcional da sua biologia no contexto de uma representação enferma daquilo que é, de quem é. Uma forma de repensar a identidade humana consiste em repensar as relações do homem com o animal e, por conseguinte, em repensar este último (LESTEL, 2001, p. 273).

A linha de investigação denominada *Animal Studies*, alarga a questão da animalidade para além das metáforas e das teorias comparativistas. Um alargamento temático, político e disciplinar, uma vez que se busca o diálogo com campos do conhecimento diversos, conforme já o dissemos. Um diálogo com todos que estejam abertos a fazer do pensamento, não um repetitivo exercício de erudição, mas sim uma via para se tentar recuperar a humanidade do animal humano. Enfim, um espaço híbrido de reflexões em tempos de busca pela humanidade do humano, em tempos de abertura à outridade, em tempos de fratura do humano. Desse modo, pensar a animalidade e os limites do humano e do não humano não significa a procura pelas semelhanças entre as referidas espécies, até porque se assim o fosse, esse percurso se daria na busca pelos traços do humano no não humano e, a exemplo da metáfora animal, o humano ainda se daria como soberano em relação à outridade absoluta do animal, do “completamente outro”. Pensar a animalidade e/ou humanidade, parece mesmo só ser possível pela via da *differance* ou pela via do devir-animal, de Deleuze. Devir esse que não deve ser tomado como semelhança, identificação, representação entre animal humano e animal não humano, como alerta o próprio filósofo, mas sim, como um movimento entre humano e não humano, uma simbiose.

No

fragmento intitulado “Lembranças de um espinosista II”, Deleuze recupera a história em que Hofmannsthal contempla a agonia de um rato e observa que é em Hofmannsthal que o animal “mostra os dentes ao destino monstruoso”, entretanto sem passar pela questão da



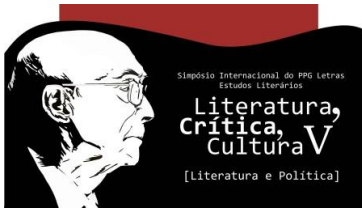
ISSN: 1983-8379

identificação, e sim, pelo devir-animal. Já não há mais homem nem animal, posto que um desterritorializa o outro, sem espécie ou especismo o “destino monstruoso” é o devir, o movimento de simbiose. Assim prossegue Deleuze em torno do episódio no qual o escritor e dramaturgo observa a aflição dos ratos:

E não é um sentimento de piedade, precisa ele, menos ainda uma identificação; é uma composição de velocidades e de afetos entre indivíduos inteiramente diferentes, simbiose, e que faz com que o rato se torne um pensamento no homem, um pensamento febril, ao mesmo tempo que o homem se torna rato, rato que range os dentes e agoniza. O rato e o homem não são absolutamente a mesma coisa, mas o Ser se diz dos dois num só e mesmo sentido, numa língua que não é mais a das palavras, numa matéria que não é mais a das formas, numa afetibilidade que não é mais a dos sujeitos (DELEUZE & GATTARI, 1997, p. 44).

Se não se trata de semelhança e/ou identificação, por que então pensar a animalidade e os limites do humano? Parece que Dominique Lestel já nos respondeu ao argumentar que o estatuto do homem necessita ser revisto, a humanidade do humano carece ser repensada e a ética, mais do que pensada, carece ser experienciada, afinal, vivemos tempos de falência da ética, como tão bem diz Agamben. Desse modo, parece-nos que a via a ser perseguida deva mesmo se dar pela *differánce*, que se sustenta na reafirmação dos limites e não na semelhança que mina a identidade e acaba por criar seres autômatos, meros reprodutores de uma metafísica ocidental que se nutre do binarismo e, por conseguinte, na subjugação do Outro. Um binarismo que encontra eco na questão da máquina antropológica de que tanto fala Agamben, uma máquina especular que por qualquer via, acaba por culminar numa ausência, isto é, “um fora que nada mais é que a exclusão do dentro e o dentro que, por sua vez, nada mais é que a exclusão do fora (AGAMBEN, 2005, p. 52).” O filósofo italiano argumenta que a máquina antropológica se sustenta num cultivo de oposições entre exclusão e inclusão, reafirmando um espaço de contradições porque:

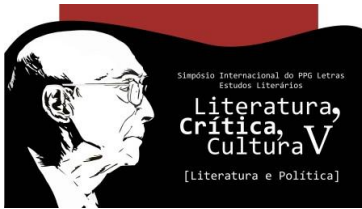
O que está em jogo nela é a produção do humano por meio da oposição homem/animal, humano/inumano, a máquina funciona de modo necessário mediante uma exclusão (que é sempre também uma apreensão) e uma inclusão (que é também e já sempre uma exclusão). Precisamente porque o humano já está pressuposto o tempo todo, a máquina produz na realidade uma condição de estado de exceção, uma zona de indeterminação na qual o fora não é mais que a exclusão de um dentro e o dentro, por sua vez, não é mais que a exclusão de um fora (AGAMBEN, 2005, p. 52).



ISSN: 1983-8379

Wittgenstein diz que mesmo se o leão pudesse falar com o homem, ainda assim o homem não conseguiria falar com o felino, porque o que está em jogo na questão da animalidade não é a capacidade de articular palavras, de enunciar um pensamento via um discurso linguístico. Até porque a História recente tem nos revelado que o animal humano, detentor do poder da fala, do diálogo, da *ratio*, da habilidade discursiva é capaz de crueldades desmedidas, a ponto de Nietzsche afirmar que o homem é o mais cruel de todos os animais viventes. Agamben, em *O que resta de Auschwitz*, nos dá a exata medida dessa humanidade que tem se perdido do humano. Terry Eagleton observa que para a filósofa Hanna Arendt, as atrocidades vividas pelos judeus em Auschwitz foram, na verdade, uma tentativa de apagar o conceito de humano. Portanto, como se pode ver os limites do humano e do não humano não passam pela linguagem no sentido limitado e restrito das palavras, não passam pela questão da razão e da consciência, pelo poder do diálogo. Tais habilidades em nada garantem ao homem sua humanidade, em nada conferem prestígio e/ou soberania ao animal humano em detrimento do animal não humano, conforme equivocadamente acreditava Descartes. Assim, tudo leva a crer que a questão da linguagem pelo caminho da fala, como uma impossibilidade no animal não humano, revela-se apenas como mais uma forma de o animal humano evidenciar sua dificuldade de lidar com alteridades, com pluralidades, com diferenças, com limites.

O professor Evando Nascimento, no ensaio “Rastros do animal: a ficção de Clarice Lispector”, comenta o quanto é incisiva a disposição no animal humano em depreciar tudo aquilo em que ele acredita não poder servi-lo como espelho: “os animais, as mulheres, os índios, os negros e todos os grupos étnicos classificados como minorias, minorizados, portanto, ainda quando constituem efetivamente maioria em determinadas sociedades (NASCIMENTO, 2011, p. 135).” Desse modo, independente dos movimentos ativistas, que veem a questão do animal como uma questão política no que concerne ao seu tratamento em experimentos científicos, abatedouros, criação industrial, práticas culturais da tauromaquia e consumo, pensar a animalidade e os limites do humano nos parece possível dentro de uma esfera política, uma política da animalidade, uma política de relação com as diferentes alteridades, quer via literatura, quer via filosofia, quer via biologia, quer via outros campos do saber.



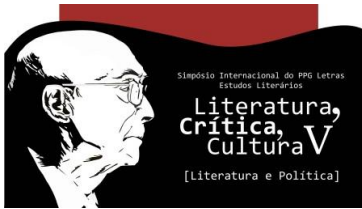
ISSN: 1983-8379

Na literatura, não são raros os textos que dialogam com a temática da animalidade, quer pela via da metáfora animal, quer pela via do ativismo, quer pela via da *différance*, quer por diversas outras vias. Machado de Assis já no século XIX problematizava a questão da animalidade por caminhos outros, isto é, a animalidade como uma questão política, uma questão de outridade, e não, pela via da metáfora animal. Machado apresenta-nos textos que fogem à representação depreciativa do animal e, de alguma forma, contém até certa dose de ativismo, como é o caso das crônicas: “Carnívoros e vegetarianos”, em que por meio de uma greve de açougueiros, Machado defende o vegetarianismo, que na visão do filósofo australiano – Peter Singer – é uma questão ética.

Deus, ao contrário, é vegetariano. Para mim, a questão do paraíso terrestre explica-se clara e singelamente pelo vegetarianismo. Deus criou o homem para os vegetais, e os vegetais para o homem; fez o paraíso cheio de amores e frutos, e pôs o homem nele. Comei de tudo, disse-lhe, menos do fruto desta árvore. Ora, essa chamada árvore era simplesmente carne, um pedaço de boi, talvez um boi inteiro (ASSIS, 2005, p. 30).

Na crônica “Touradas”, Machado mostra-se condoído com a crueldade praticada contra os animais. “E querem saber por que detesto as touradas? Pensam que é por causa do homem? Ixe! È por causa do boi, unicamente do boi. Eu sou sócio (sentimentalmente falando) de todas as sociedades protetoras dos animais (ASSIS, 2005, p. 113).” Em “Direitos dos burros”, dá voz ao animal para revelar as injustiças e maus-tratos cometidos contra o não humano. “Não nos abandone, como no tempo em que os burros eram parceiros dos escravos. Faça o nosso Treze de Maio. Lincoln dos teus maiores, segundo o evangelho de Darwin, expede a proclamação da nossa liberdade (ASSIS, 2005, p. 75)!” Ou ainda na crônica “Reflexões de um burro”, em que se mostra profundamente sensibilizado ao se deparar com um burro que agonizava diante da morte e que fora abandonado numa praça da cidade. “O que me pareceu, é que o burro fazia exame de consciência. Indiferente aos curiosos, como ao capim e à água, tinha no olhar a expressão dos meditativos (ASSIS, 2005, p. 109).”

Clarice Lispector também dialoga com a questão da animalidade, sem aprisionar o animal as mais distintas representações simbólicas, sem fazer com que ele desapareça enquanto ele mesmo ou que se esfumace nas metáforas. Nos textos de Clarice, não há subjugação do “completamente outro”. No conto “Tentação”, por exemplo, a autora nos relata a história de uma menina que se sentia triste por julgar-se diferente dos outros: ela tinha os

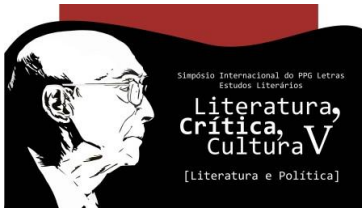


ISSN: 1983-8379

cabelos ruivos e “numa terra de morenos, ser ruivo era uma revolta involuntária (LISPECTOR, 1998, p. 46).” No entanto, certo dia, ao sair à rua, depara-se com um cão de pelo vermelho, um “*basset* ruivo”. No animal não humano, ela se reconhece. “Os pelos de ambos eram curtos, vermelhos. Que foi que disseram? Não se sabe. Sabe-se apenas que se comunicaram (LISPECTOR, 1998, p. 47).” Em “Morte de uma baleia”, a autora questiona a humanidade e a animalidade do animal humano: “Nunca atingiremos em nós o ser humano: a busca e o esforço serão permanentes. E quem atinge o quase impossível estágio Ser Humano, é justo que seja santificado. Porque desistir de nossa animalidade é um sacrifício (1984, p. 180).” Mas é na crônica “Bichos” que Clarice nos dá uma autêntica aula de alteridade animal, um verdadeiro exemplo do sentir-se no radicalmente outro:

Quem se recusa à visão de um bicho está com medo de si próprio.
Mas às vezes me arrepio vendo um bicho. Sim, às vezes sinto o mudo grito ancestral dentro de mim quando estou com eles: parece que não sei mais quem é o animal, se eu ou o bicho, e me confundo toda, fico ao que parece com medo de encarar meus próprios instintos abafados que, diante do bicho sou obrigada a assumir, exigentes como são, que se há de fazer, pobre de nós (LISPECTOR, 1984, p 519-520).

Guimarães Rosa também convoca o animal para o diálogo, como diz Clarice, respeitando sua “natura”. Sem fazer uso da metáfora animal, a animalidade está presente em Rosa como uma questão especular, que nos convoca a repensar nosso estatuto de humanos. Em *Ave palavra*, na parte intitulada “Zoo”, o autor nos relata seu périplo por zoológicos e nos apresenta aforismos que provocam em nós a necessidade premente de buscar por nossa humanidade, que nos convocam ao autodiálogo. Diante do aforismo que se segue, é impossível não parar e questionar nosso estatuto de humanos: “Se todo animal inspira sempre ternura, que houve, então, com o homem (ROSA, 1985, p. 122)?” Ou em outro fragmento no qual afirma: “Amar os animais é aprendizado de humanidade (ROSA, 1985, p. 120).” No conto “Meu tio o iauretê” é o personagem, caçador de onças, que se transforma em onça. O personagem experiencia o outro no corpo do outro, explora a subjetividade da onça no corpo da onça. “De repente, eh, eu oncei (ROSA, p. 155). Em “As margens da alegria” é o menino que sente a dor da morte de um peru, uma morte que revela a ele, em sua inocência, as inconstâncias e a efemeridade do viver.



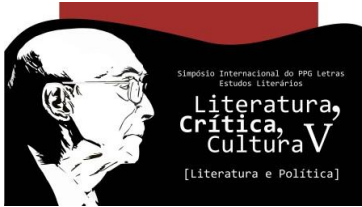
ISSN: 1983-8379

- Onde? Só umas penas, restos no chão. – “*Ué, se matou. Amanhã não é o dia-de-anos do doutor?*” Tudo perdia a eternidade e a certeza; num lufo, num átimo, da gente as mais belas coisas se roubavam. Como podiam? Por que tão de repente? Soubesse que ia acontecer assim, ao menos teria olhado mais o peru (ROSA, 2005, p. 52, grifos do autor).

Esperamos ter traduzido nesta breve reflexão um pouco das inquietações que têm sido objeto de estudo do *Animal Studies*, bem como, ter demonstrado que pensar a questão da animalidade e dos limites do humano e do não humano ainda consiste num desafio a ser perseguido, uma vez que a relação do animal humano com o animal não humano nos parece imbuída da mesma contradição da máquina antropológica de que fala Agamben. Quiçá, o caminho para o diálogo com a outridade animal sem a subjugação do Outro esteja nas sábias palavras do pensador Martin Heidegger: “Para chegarmos até o outro, precisamos nos sentir no outro (HEIDEGGER, 2006, p. 234).” Independente da forma que esse outro possa ter, seja essa forma animal, mulher, negro, índio ou tantas outras. Essa sim, é a verdadeira lição de política na qual acreditamos.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha. São Paulo: Boitempo, 2008.
- _____. Lo abierto: el hombre y el animal. Valencia: Pre-Textos, 2005.
- ASSIS, Machado. Fuga do hospício e outras crônicas. Coleção Para gostar de ler 26. São Paulo: Ática, 2005.
- DARWIN, Charles. A expressão das emoções no homem e nos animais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- DELEUZE, Giles e GATTARRI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. V. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DERRIDA, Jacques. De que amanhã. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- _____. O animal que logo sou. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- DESCARTES, René. Os pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- EAGLETON, Terry. Depois da teoria: um olhar sobre os estudos culturais e o pós-modernismo. Trad. Maria Lúcia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.



ISSN: 1983-8379

- ENGELS, Friedrich e MARX, Karl. A ideologia alemã. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cv000003.pdf>. Acesso em: 09 jun. 2011.
- LISPECTOR, Clarice. Felicidade clandestina. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- _____. A descoberta do mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- LESTEL, Dominique. As origens animais da cultura. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- MONTAIGNE, Michel. Apologia de Raymond Sebond. In.: - Os pensadores. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 2000. v. 1
- NASCIMENTO, Evando. Rastros do animal humano: a ficção de Clarice Lispector. In.: MACIEL, Maria Esther (org). Pensar/escrever o animal: ensaios de zoopoética e biopolítica. Santa Catarina: Editora UFSC, 2011.
- NIETZSCHE, Friedrich. Assim Falou Zaratustra. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- ROSA, Guimarães. Primeiras estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- _____. Ave palavra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. Estas histórias. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1969.
- SAFLATE, Vladimir. Reconhecido pelo cão. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2011/03/reconhecido-pelo-cao/>. Acesso em: 09 jun. 2011.